

Sistemas abertos: trilha para nutrir a notícia ambiental

Eduardo Geraque

Resumo

O jornalista, como ator social e mediador de sentidos, não pode estar ausente do debate ambiental. Ter uma visão de mundo sistêmica é a única forma de conseguir produzir reportagens impregnadas de transversalidade, caminho que torna possível o oferecimento ao leitor de toda a complexidade contemporânea. Como a visão de mundo da imprensa, no caso do jornalismo sobre meio ambiente, não se mostra sistêmica, este artigo tenta defender a necessidade de uma visão transversal da realidade ambiental como forma de colaborar com o desenvolvimento da cobertura sobre os graves problemas ambientais existentes neste início de milênio. E que esse caminho possa frutificar na prática, desde a elaboração das pautas até o ponto final do produto que será entregue ao receptor.

Palavras-chave

Jornalismo ambiental, visão sistêmica

Abstract

The journalist, as a social actor, cannot be absent of environment discussion. This professional should have a systematic vision of the world. Thus, he can make reports impregnate of transversality, which makes possible to offer the readers all the contemporary complexity. Because of the environment press vision is not be systemic, this article hereafter to defend the transversality vision of the environment reality, presents a practice proposal as a collaboration with the coverage of all environment problems of the world in this millenium beginning.

Key words:

Environmental journalism, systematic vision

Com a palavra, antes de mais nada, aqueles que vão para as ruas, literalmente, fazer a mediação entre o consumidor da informação jornalística e os fatos do dia-a-dia. Aqueles que buscam impregnar-se do cheiro da notícia. “Estou há seis anos no periódico *Reforma*. Fui contratado exclusivamente para cobrir a questão ambiental. E isso na segunda cidade mais poluída do mundo, a maior do país e uma das maiores da América Latina junto com São Paulo”. O repórter Iván Sosa vive o desafio de enfrentar as esferas sistêmicas do jornalismo na Cidade do México. Isso, dentro da redação de um dos maiores matutinos mexicanos. Assim como São Paulo, e também qualquer outra cidade pequena, média ou grande da América Latina, o universo da capital do México é repleto de desafios para um jornalista.

Se a cada nova edição os problemas são praticamente os mesmos em qualquer lugar do mundo (pouco espaço, falta de tempo, pressão do fechamento ou a necessidade de convencer os editores) é muito importante, nestes tempos em que a informação passa a ser uma *commodity*, não perder a noção de conjunto. O desafio é conseguir enxergar que a soma das partes é sempre menor que o todo. Por isso, que a Teoria Geral dos Sistemas¹, nascida na ecologia, mas que depois extravasou para vários outros campos, é uma ferramenta poderosa para se tentar perceber dentro do jornalismo onde é que os sistemas estão estrangulados e, portanto, precisam ser rearranjados.

Nada melhor do que a questão ambiental, que agora, tudo leva a crer, entrou definitivamente nas agendas sérias da sociedade – antes era apenas assunto para ecochatos –, para servir de exemplo. O jornalismo sobre meio ambiente é um caminho seguro para

que os jornalistas consigam exercer uma visão sistêmica do mundo. A própria questão ambiental é interdisciplinar, mas será que isso está sendo captado pelos repórteres, quando eles deixam o ar condicionado, muitas vezes viciados, de suas redações?

Ao ir atrás de uma pauta, dentro de uma visão teórica que precisa cada vez mais passar para a prática, o produtor de sentidos está diante de dois grandes sistemas. O primeiro deles, que será chamado Sistema Epistemologia do Jornalismo sobre Meio Ambiente (JMA), engloba o fazer jornalístico e todas as questões de abordagem, forma e conteúdo que se discutem nesta virada de século dentro desse universo. O segundo sistema, de dimensões maiores que o primeiro, é formado pelo meio ambiente (SMA).

No caso específico do JMA, o nosso olhar vai recair em apenas uma única comunidade, representada pelas “Pautas sobre Poluição do Ar”. Essa engrenagem organizacional, entretanto, pode ser considerada equivalente, em termos hierárquicos, por exemplo, aos conjuntos Pautas sobre Poluição da Água e do Solo. Esses três grupos, caso sejam observados a partir de um prisma único, podem ser vistos também, apenas, como um dos subsistemas do conjunto Redação, que ao lado de outros grupos (pautas esportivas ou policiais, por exemplo) ajudam a formar o contexto das relações sistêmicas que podem ser identificadas em uma empresa editorial. Esse universo formado por jornalistas, que captam, transformam e exportam a informação por meio de textos e imagens, funciona como o catalisador da indústria editorial.

A travessia desse sistema jornalístico aqui desenhado deve ser feita pelo ato da reportagem (fluxo energético), que segue sempre na direção única do mundo vivo para o simbólico.

¹ A proposta da Teoria Geral dos Sistemas surgiu formalmente dentro desse contexto entre as décadas de 1950 e 1960. O livro fundamental sobre esse assunto, *General Systems Theory: Foundations, Development, Application*, escrito por Ludwig von Bertalanffy, é de 1968, apesar do autor ter esboçado alguns textos na mesma direção ainda nos anos 1920.

² A chamada “aproximação ecológica”, apresentada por James Garbarino (in HENDRICKSON, 1997) e aplicada ao jornalismo é fundamentada na interação entre os organismos e o ambiente. A experiência individual de cada homem ou mulher, para o autor, é caracterizada pelas relações que ocorrem em quatro níveis: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. O primeiro nível – todos, em um diagrama, seriam círculos concêntricos como em um alvo de arco e flecha – é também o menor sistema. Aquele definido, por exemplo, pela família, pelo ambiente de trabalho, pela escola ou pela igreja. O mesossistema (2º nível) é representado pela interação entre e sobre os microsistemas. É o ambiente estabelecido pelas relações entre uma família e seus vizinhos ou entre uma escola e toda a vizinhança. O terceiro nível, nomeado de exossistema, é aquele que influencia diretamente o ser humano, mas não conta com a participação direta dele. Isso pode ocorrer em um tribunal de justiça ou até mesmo na prefeitura ou em uma diretoria de escola. Para Garbarino, o nível com maior raio do alvo é formado pelos padrões ideológicos e institucionais de uma determinada cultura. No macrosistema (4º nível) estão inseridas a política social de uma determinada Nação e o seu nível de desenvolvimento. Além do ambiente apenas nacional, as relações internacionais também estão contidas nesse círculo concêntrico maior.

As discussões epistemológicas feitas atualmente dentro do próprio jornalismo, seja em termos de conteúdo, forma ou abordagem também apontam para a necessidade de uma visão de mundo mais afinada com a complexidade contemporânea. Por esse caminho é que poderá ser feita a interligação entre os diversos níveis hierárquicos presentes no JMA. A vitalidade dessa ciclagem dos diversos conjuntos é tão essencial para o jornalismo sobre meio ambiente como os ciclos biogeoquímicos são para os ecossistemas naturais.

Para usar a mesma contextualização apresentada para o JMA, no caso do SMA, os componentes básicos desse sistema são representados também pela poluição do ar, da água e do solo (apenas uma das comunidades existentes) e as questões epistemológicas, representadas pelos aspectos sociais, filosóficos, científicos e culturais do meio ambiente (ciclos biogeoquímicos) influenciados pelo homem. A produção de sentidos, necessária não apenas para o jornalista mas também para a sociedade em geral, continua sendo equivalente ao fluxo energético dos sistemas ecológicos.

De volta ao mundo vivo, a questão prática, do repórter na rua tentando contar uma boa história volta a martelar a teoria com insistência. Afinal, do que adianta esse segundo item se não existir a primeira preocupação. Para tentar responder esse questionamento, vamos trazer novamente o repórter mexicano Iván Sosa e todos os seus colegas dos dois jornais que cobrem a questão ambiental na Cidade do México para a reflexão. Ao mergulhar no conteúdo produzido tanto no *Reforma* como no *La Jornada* entre 2000 e 2004 o que se tem é um quadro rico de como a visão sistêmica, pelo menos em parte, está presen-

te nas duas publicações. O que não significa, muito pelo contrário, que se esteja perto, do ponto de vista teórico, do ideal.

A abordagem sistêmica feita sobre o mundo vivo mexicano começa com uma diferença em relação ao contexto brasileiro. O microsistema², como mostra o estudo das alterações temáticas observadas ao longo do tempo nos dois veículos periodísticos avaliados (*Reforma* e *La Jornada*), está bem mais irrigado pela problemática ambiental de forma geral, e também pela contaminação do ar, apesar da ausência de impacto das pressões externas (eventos relevantes do cenário internacional). O mesmo vale para o mesossistema. Pelas assinaturas das reportagens feitas no Hemisfério Norte, é possível identificar o acompanhamento sistemático dos assuntos que envolvem a qualidade do ar da Cidade do México, e da Região Metropolitana como um todo. Em todos os cinco anos investigados existem repórteres, e por consequência editores, sempre interessados no tema. Apesar da ausência de editoriais específicos, como no Brasil, os jornalistas não estão dispersos, são sempre os mesmos que enfocam os assuntos ambientais. A noção de continuidade, aos olhos do leitor, fica mais evidente. O que se iguala ao Brasil, com raras exceções também, é o silêncio das ruas. O impacto do problema no interior da sociedade é igualmente pouco procurado pela imprensa mexicana.

A ciclagem nutritiva vista no México também passa para o nível imediatamente superior. A interação entre mais de um microsistema dentro das redações mexicanas existe. A prova é que ambos os jornais apresentam produtos editoriais, voltados para a cultura de massa, absolutamente focados na questão do meio ambiente. Isso não existe no Brasil, pelo menos nos três maiores jornais do país

(Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo). No caso do *La Jornada*, o vespertino mexicano publicou mensalmente, no período de estudo, o caderno especial *Ecológica*, que na maioria das vezes é feito apenas com textos assinados por professores e pesquisadores locais. O *Reforma*, em seu espaço ocupado pelo conteúdo referente à Cidade do México, tem columnistas que se dedicam exclusivamente ao tema do meio ambiente urbano. Assuntos como florestas, mudanças climáticas globais e diminuição da camada de ozônio, por exemplo, são enfocados em outra editoria, voltada a assuntos mais nacionais. O jornal informa sobre temas ambientais, a partir de um contexto urbano, em sua sessão *Ciudad* e, aos domingos, na *Hábitat*. A voz do principal repórter ambiental desse matutino – e, por consequência, um dos mais influentes do México – volta a ser bastante ilustrativa:

O que mais gosto de cobrir são os assuntos relacionados com a qualidade do ar (contaminação atmosférica) e os assuntos de água. Esse é um problema até muito mais grave que a questão do ar atualmente. Sem dúvida, hoje, aqui na Cidade do México, a água é o primeiro problema. Além disso, existem os problemas de uso e conservação do solo. Na Cidade do México existem 18 milhões de habitantes e 60% do território legal da cidade são bosques. Esses espaços importantes são: a oxigenação da cidade, fontes de abastecimento de água e um hábitat para espécies de flora e fauna. Esse é um tema que me toca muito. Temos ainda os parques públicos na cidade. Os problemas de transporte, desde a perspectiva ambiental, e dentro disso, atualmente, a discussão gira em torno da incorporação dos corredores de transporte em faixas confinadas, com

Dentro das redações mexicanas existe a interação entre mais de um microsistema. Isso não ocorre no Brasil, pelo menos nos três maiores jornais do país

o deslocamento dos ônibus articulados. E o surgimento das ciclistas como alternativa ambiental, em uma cidade repleta de veículos. A complexidade da cidade hoje é bastante grande. No total, 80% das viagens realizadas pelas pessoas são via transporte público. E apenas 20% em transporte privado. Entretanto, 80% do parque veicular são formados por carros particulares. São 3,5 milhões de autos registrados no DF. Eles são responsáveis pelo fenômeno da contaminação, e do congestionamento. Em uma cidade cada vez mais saturada pelo seu parque veicular, onde a velocidade média, em horas de 'pico', chega a ser de 5 km/h a 10 km/h, temos que buscar alternativas. Essa polêmica instalou-se aqui na cidade quando o prefeito anterior, Manuel Lopez Obrador, chegou com a idéia de construir segundos pisos em duas das vias rápidas mais usadas na cidade. Muitos especialistas da academia começaram a questionar o motivo disso, porquê construir obras para o transporte privado? Foi construída uma parte, não tudo, dos segundos pisos. E com o tempo se comprovou que isso não é uma solução. Com o tempo, será necessário construir cada vez mais obras. E não existe dinheiro suficiente para isso. Como forma de compensar essas obras viárias, o governo desenvolveu o projeto do Metrobus, similar aos que existem em Bogotá, ou aos que já existem em São Paulo e Curitiba. Temos apenas um único corredor, de 20 km. Ele percorre a Avenida Insurgentes, uma das mais famosas da cidade e que a corta de norte a sul. Adicionalmente, como uma medida de compensação, exigida pelo estudo de impacto ambiental do segundo piso, construiu-se uma ciclopista. Mas ela, por enquanto, tem apenas um caráter recreativo, não de transporte público. Ela é muito bonita, mas não é funcional. Existe uma enorme

quantidade de pessoas que viajam em bicicleta, que hoje fazem isso entre os carros. Com mais infra-estrutura, como ocorre em Bogotá, na Alemanha, na Espanha e em algumas cidades dos Estados Unidos, as ciclistas seriam uma boa solução para o transporte alternativo. (em entrevista ao autor – Cidade do México, fevereiro de 2006).

Direto do mundo vivo, e, além disso, apoiado por editores que se convenceram de que os temas ambientais são fundamentais para a sobrevivência de uma cidade, e das pessoas que vivem nela, a radiografia feita pelo jornalista mexicano dos problemas do lugar em que ele trabalha revela, mesmo que talvez ele nem tenha muita consciência disso, que ao buscar histórias ambientais, o exercício da visão sistêmica é uma ferramenta básica de abordagem do todo. É necessário passar da política para a economia, para a cidade, para o social, a saúde, a educação, para a cultura e assim sucessivamente. Talvez seja essa uma das novas formas de caminhar. E, com esse propósito teórico em mente, como mostrou a leitura dos textos do *Reforma*, fica mais fácil, mesmo que isso, na prática, seja um processo ainda tímido, oferecer ao leitor uma visão mais ampla dos fatos.

Quando são observados os níveis hierárquicos mais superiores, dentro também do contexto dos dois sistemas em questão nessa reflexão, o JMA e o SMA, a semelhança com o Brasil é maior. Mesmo assim, no México, se os conjuntos sistêmicos não estão também em pleno funcionamento, existem mais ciclos biogeoquímicos incorporados pela reportagem. Dessa forma, o ambiente de saída, na América do Norte, acaba sendo mais rico. Essa afirmação é válida para o universo de leitores dos dois jornais mexicanos escolhidos.

No caso do *La Jornada* – as informações

diárias produzidas sobre o meio ambiente urbano da cidade são publicadas em editoriais como *Sociedad y Justicia* e *Capital* – emerge da leitura dos textos, também, mais equilíbrio entre a incorporação dos ciclos biogeoquímicos que circulam pelo SMA. Não são apenas os aspectos científico e de saúde que são considerados, como ocorre no Brasil, apesar de eles estarem sempre muito presentes. As questões políticas e econômicas que se relacionam com o problema da poluição do ar também são transmitidas ao leitor de forma mais sistemática, tanto em reportagens como em textos opinativos.

Isso não significa que o aspecto científico esteja ausente, muito pelo contrário. A reflexão do periódico *La Jornada* a partir desse prisma é bastante constante. Um dos grandes responsáveis por essa relação é o prêmio Nobel de Química de 1995. O mexicano Mario Molina, apesar de hoje estar radicado nos Estados Unidos, nunca deixou de fazer estudos na capital do México exatamente sobre a poluição do ar. Defensor árduo da necessidade de se combater a questão com políticas públicas inteligentes, o cientista mexicano é uma verdadeira referência para jornalistas que escrevem sobre meio ambiente. Molina é sempre ouvido pela mídia.

Como a poluição atmosférica no México é um problema de pelo menos três décadas, e a população está nas ruas sentindo isso, o jornalismo voltado para a cidade já incorporou essa questão ambiental grave em seu contexto. A flecha que representa o ato de reportar carrega com ela mais componentes que no Brasil, como o social, o político e o científico. Mas ela passa por todos eles de forma superficial. A ciclagem é maior, mas ela não atravessa a epiderme do tecido. Não é todo o sistema que está arejado. Assim como

Como a poluição atmosférica no México é um problema de pelo menos três décadas, o jornalismo voltado para a cidade já incorporou essa questão ambiental grave em seu contexto

no Brasil, o pulso das ruas, das casas, dos hospitais e das escolas permanece desconhecido. Os cadernos de cultura, que poderiam muito bem jogar suas luzes sobre o ar que se respira na cidade, por exemplo, se esquecem do tema. Entretanto, é possível afirmar que o sistema jornalístico mexicano está mais crescido que o brasileiro. Ele apresenta tanto mais componentes, como mais relações bem estabelecidas.

Nas páginas do *Reforma*, um exemplo sistêmico positivo surge a partir do caso da construção de um megaprojeto na Cidade do México. O “segundo piso en Viaducto y Periférico”, como já mencionou Sosa, movimentou os moradores da capital principalmente em 2002. A polêmica, entretanto, continua sendo alvo de debates públicos ainda hoje. Esse capítulo da história da cidade mereceu uma sistemática atenção dos jornais. As críticas à construção das pistas de rolagem elevadas, sobre uma estrutura viária já existente, surgiram de atores sociais que enxergam o mundo vivo a partir do centro do sistema ambiental. A imprensa mexicana, nesse caso, conseguiu atravessar o SMA e ser impregnada por quase todos os componentes essenciais (faltou ainda o filosófico), responsáveis pelos chamados ciclos biogeoquímicos desse sistema em especial.

A leitura de todas as reportagens detectadas pelo método de busca dos textos, *no La Jornada* e *no Reforma*, permite ao leitor ter, pelo menos, um bom diagnóstico do problema da contaminação do ar mexicano; os projetos e os esforços governamentais; os avanços e os retrocessos; os atores científicos e os serviços de saúde envolvidos. Em todos esses casos, e olhando a partir do contexto ambiental, de dentro do sistema SMA, é possível ter um bom panorama da situação.

É possível afirmar que o sistema jornalístico mexicano está mais crescido que o brasileiro

Quanto custa a poluição para a cidade? Qual é o melhor tipo de transporte? Qual o destino dos grandes centros urbanos? Por que políticas públicas são importantes? Essas perguntas, no caso, são respondidas normalmente pelos atores oficiais do processo, que incluem até mesmo os cientistas e os médicos, não apenas os políticos. O exercício da crítica – e em nenhum caso qualquer liberdade surge em termos dos tipos de narrativa – é dado aos colunistas principalmente. Em um texto que se discute se realmente o ano de 1999 teve bons índices de qualidade do ar na Cidade do México, atores importantes, dentro do nível sistêmico ambiental, são lembrados. Como reflete o colunista, os grupos a favor da cidadania, normalmente, são os grandes esquecidos pelo jornalismo sobre meio ambiente.

Finalmente, en la publicidad que informa de los logros, no hay una sola referencia a la participación ciudadana, cuando una parte básica de lo alcanzado durante los últimos años en el campo ambiental se debe a la población y a los grupos ciudadanos organizados, que por su reclamo permanente y sus propuestas de solución han obligado al gobierno a tomar en serio su papel. La actual administración enfrenta poderosos intereses políticos y económicos, herencia de gobiernos anteriores. El transporte en manos del pulpo camionero es un ejemplo, pero no el único y está lejos de responder a los intereses de la sociedad. Las tareas en pro de un ambiente sano deben, entonces, proseguir con mayor ahinco, sin triunfalismo (1999, ¿El mejor año ambiental?, Ivan Restrepo, 17 de janeiro de 2000).

E não que a preocupação com a rua propriamente dita esteja ausente das redações

e das esferas do sistema já discutidas. Uma vez mais, o depoimento de Sosa merece ser apresentado porque ajuda a entender que nem sempre é fácil aplicar aquilo que é teorizado. E, às vezes, os obstáculos para que todos os níveis do sistema sejam realmente atingidos estão fora do jornalismo propriamente dito. É preciso, antes, que a imprensa e os cidadãos participem de processos que culminem com a alteração de culturas e de filosofias:

Por hábito, por tradição, as pessoas comuns vêm a sociedade a partir de uma perspectiva política. Além, claro, da desinformação e da ignorância. Aqui no México não existe muita preocupação pelos problemas comuns. Ou isso, pelo menos, é algo bastante recente. Os mecanismos de participação dos cidadãos para que se possa resolver problemas comuns também datam da última década ou um pouco mais. E, dentro da imprensa, é preciso lembrar que os jornais viveram uma mesma perspectiva por 70 anos, devido à hegemonia do PRI (Partido Revolucionário Institucional). Foi uma política de um único grupo, daquele que estava no poder ou perto dele. Mas a partir da abertura do sistema político, os meios de comunicação se abriram, e passou a ocorrer, de forma bem gradativa, uma maior participação social. Enfim, passamos a nos lembrar de que a vida, a sociedade como um todo, estão mais para lá do que parece. Nas ruas estão ocorrendo eventos muito mais vivos que as declarações dos políticos. E um desses eventos são os assuntos ambientais. São vários os problemas de água, do ar, de mover-se pelos espaços públicos como um pedestre. O transporte. E, a partir de tudo isso, dessas discussões, é possível perceber, pelo menos aqui na Cidade do México, que estão ocorrendo mudanças

Os obstáculos para que todos os níveis do sistema sejam realmente atingidos estão fora do jornalismo propriamente dito

na sociedade. Já ocorreu uma evolução da conscientização e a imprensa colaborou com isso. Mesmo assim, o jornalismo ambiental feito aqui no país e na cidade do México ainda é muito limitado. Não existe uma escola, uma corrente. Nas universidades não estão cultivando o jornalismo especializado. No México, aqueles que aspiram ser jornalistas ou repórteres têm a noção de que a política é o melhor cenário aonde se pode fazer jornalismo. Você está sempre em contato com os poderosos, com o poder em si. Mas existem muitos outros campos que necessitam do jornalismo. E um deles, claro, é o ambiental. A maior parte dos meus companheiros de imprensa têm a visão de que a política é o item principal para os meios de comunicação. Hoje, entretanto, os periódicos estão funcionando muito a maneira 'taquinomanográfica'. Toma-se nota de uma declaração. Depois se faz a redação de forma mecânica, baseada apenas na transcrição e isso é oferecido ao público. No *Reforma*, onde trabalho e onde gosto de trabalhar, precisamente por isso, nós temos tentado – e isso é uma direção editorial – ir mais longe das declarações, esquecer-mo-nos delas e buscar o que está preocupando as pessoas. E a eles, o que preocupa é a esquina de suas casas. O funcionamento do semáforo, de suas calçadas. São sempre os problemas mais imediatos. E é isso que tentamos fazer desde a seção Cidade do jornal. E o que percebo é que existe uma influência dos meios para ir provocando as mudanças. Isso tudo é ainda muito limitado porque no México a imprensa é pouco lida. Das 103 milhões de pessoas que temos no país, um milhão são aquelas que lêem. Apesar de esse grupo ser formado por aqueles que tomam as decisões, que pressionam, que empurram, ele é pequeno. Desde a perspectiva ambiental, um jornalista tem que abordar tudo o

que vem da sociedade. E isso é o que tento fazer. Quando tenho que cobrir um evento político, e ocasionalmente isso ocorre, quando tenho na minha frente um chefe de governo, os meus questionamentos são ambientais. Porque atrás de um problema ambiental se sabe qual é a verdadeira percepção, qual é o verdadeiro conhecimento de alguém que tem capacidade de mudar as coisas. (em entrevista ao autor – Cidade do México, fevereiro de 2006).

Ao confrontar o mundo vivo mexicano com a abordagem sistêmica proposta para o jornalismo sobre meio ambiente, o que surge é uma realidade impregnada superficialmente pelos ciclos biogeoquímicos envolvidos com a questão ambiental, mas não tocada pelas questões epistemológicas do jornalismo totalmente. As reportagens mostram a contaminação do ar, muitas vezes, a partir das vertentes sociais (econômicas, políticas e históricas), científicas e culturais, com ausência da filosófica. Apesar disso, os atores que são afetados pelo problema em seu dia-a-dia e os grupos organizados que tentam provocar uma maior percepção da contaminação urbana estão ausentes. A mediação jornalística ignora esses componentes do sistema. O “cheiro de rua”, para citar a expressão de Cremilda Medina, professora da USP, não chega ao olfato do leitor. As reportagens focam apenas os representantes da ciência, as fontes oficiais da política e os médicos. Até os grupos ambientalistas -- e o discurso ultrapassado de muito deles contribui para isso -- são considerados fontes de segunda classe. Falta a filosofia do jornalismo sobre meio ambiente discutir mais a relação homem-natureza e isso é válido para as duas maiores cidades da América Latina. As reportagens publicadas no dia-a-dia não

A flecha que carrega a notícia precisa estar impregnada de todos os componentes que formam a sociedade e a natureza para que ela possa atingir o alvo

dialogam com os sujeitos lá do mundo real apesar de existir, como disse Sosa, uma preocupação com o mundo vivo.

O jornalismo é feito à distância. Do ponto de vista da narrativa, também tão trabalhada pelos adeptos do *new journalism*, a situação é mais crítica. Os jornais mexicanos, e também os brasileiros nesse caso, ignoram por completo esse componente epistemológico, tão importante para a vitalidade e a funcionalidade do sistema jornalístico.

Com todo esse diagnóstico estampado nas páginas dos jornais, e a questão do meio ambiente sendo cada vez mais determinante para a sobrevivência de todos, principalmente pelo consumo cada vez mais desenfreado que se vê nas regiões urbanas -- e que tem reflexos diretos no mundo real -- o caminho está mais ou menos delineado. Ao produtor de sentidos, independente de onde ele esteja produzindo suas histórias, cabe deixar de lado o determinismo às vezes tão marcante e, simplesmente, encarar o mundo como um grande conjunto de sistemas abertos. A flecha que carrega a notícia precisa estar impregnada de todos os componentes que formam a sociedade e a natureza para que ela possa atingir o alvo. O problema é que para se conseguir isso, no campo prático, não existe uma receita. Muito pelo contrário, apenas iniciativas bastante tímidas.

Sobre o autor

Eduardo Geraque, repórter de Ciência da Folha de S. Paulo. Com passagens pelo Diário Popular, Gazeta Mercantil e Agência Fapesp trabalha há 13 anos com jornalismo, cobrindo desde esportes e política até, nos últimos cinco anos, ciência, meio ambiente e tecnologia. Jornalista

graduado pela Fiam é também biólogo, formado pela Unesp. Mestre em Oceanografia Biológica pela USP e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da mesma universidade. Pesquisou no doutorado o jornalismo sobre meio ambiente feito no México e em São Paulo.

Referências

- BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- BOAS, Sergio Vilas (organizador). *Ambiental, jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo, Summus Editorial, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- . *Cultural Globalization in a Disintegrating City*. *American Ethnologist*, 22 (4), 743-755, 1995.
- . *La Globalización Imaginada*. México, Pidos Estado y Sociedad, 2000.
- DETJEN, Jim. *A new kind of environment reporting is needed*. *Nieman Reports*. Cambridge, winter 2002. Vol. 56, Iss. 4, págs. 38-40.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, NUPAUB, 1994.
- DIMENSTEIN, Gilberto e KOTSCHO, Ricardo. *A aventura da reportagem*. São Paulo, Summus, 1990.
- GONÇALVES, C. W.; LEFF, E.; ARGUETA, A. et al. *Más allá del desarrollo sostenible: la construcción de una racionalidad ambiental para la sustentabilidad: una visión desde América Latina*. In Taller De Rio a Joannesburgo. La transición hacia el desarrollo sustentable: perspectivas de America Latina, Pnuma, México, 2002.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo, Editora Contexto, 2004.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- KÜNSCH, Dimas Antônio. *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo, Annablume, 2000.
- LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: Sustentabilidad, Racionalidad, Complejidad, Poder*. México, Siglo XI/UNAM/PNUMA, 1998.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Econautas – ecologia e jornalismo literário avançado*. Canoas, Peirópolis, 1996.
- . *El periodismo impreso y la teoria general de los sistemas: um modelo didáctico*. México, Cidade do México, Trillas, 1991.
- . *O que é livro-reportagem*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- . *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, Unicamp, 1993.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente. Narrativa e Cotidiano*. São Paulo, Summus Editorial, 2003.
- . *Entrevista – o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1986.
- . *Notícia – um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo, Summus, 1988.
- . *Povo e Personagem*. Canoas. Editora da Ulbra, 1996.
- . *Símbolos e Narrativas. Rodízio 97 na cobertura jornalística*. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, 1998.
- MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton (organizadores). *Novo Pacto da Ciência 2, Do Hemisfério Sol: Projeto O Discurso Fragmentalista da Ciência*. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1993; *Novo Pacto da Ciência 3, Saber Plural: o discurso fragmentalista e a crise de paradigmas*. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1994. *Novo Pacto da Ciência 6, Planeta Inquieto: direito ao século XXI*. São Paulo: ECA/USP. CNPq, 1998. *Novo Pacto da Ciência 7, Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória*. São Paulo: ECA/USP. CNPq, 1999.
- SIMS, Norman e KRAMER, Mark. *Literary journalism: a new collection of the best american nonfiction*. Estados Unidos, New York, Ballantine Books, 1995.